



O Jornalismo Radiofônico, as Narrativas Míticas e o Inconsciente Coletivo¹

Marcelo Cardoso²

Universidade de Santo Amaro (Unisa), São Paulo, SP

Resumo

O paper discute aspectos teóricos e práticos do jornalismo produzido numa emissora de rádio jornalística de São Paulo. Verifica se, mesmo diante de um cenário no qual privilegiam-se pensamentos e práticas logocêntricas, é possível agir além do paradigma. O *corpus* é formado por um programete do quadro *Conte sua história de São Paulo* (Rádio CBN). As análises em torno do *corpus* são qualitativas e a revisão da literatura é construída a partir de autores como Armand Balsebre, C. G. Jung, Cremilda Medina, Dimas Künsch e Joseph Campbell. São pesquisas que auxiliam a enxergar a possibilidade de como se exercer o jornalismo sem excesso de racionalidade. Utiliza-se o conceito de *vínculos sonoros* pelo qual seria possível fortalecer a relação entre ouvinte e *medium* rádio por meio da audição. Constata-se a existência de experiência jornalística que aponta caminhos para se escapar do cenário descrito.

Palavras-chave: Conte Sua História de S. Paulo; Jornalismo Radiofônico; Joseph Campbell; Rádio CBN; Vínculos Sonoros.

O artigo apresentado é um recorte com atualização da dissertação de mestrado defendida no ano de 2010. Trata-se da análise de um dos programetes³ do *Conte sua história de São Paulo*, um quadro veiculado aos sábados, dentro do CBN São Paulo, da Rádio CBN, e que pode ser acompanhado pelo blog de um jornalista.

A opção por utilizar este *corpus* ocorreu a partir de duas percepções: a observação inicial de que na contemporaneidade o jornalismo produzido no rádio está perdendo certas características. Como ouvinte e jornalista que atuou no mercado, percebeu-se que, cada vez mais se reduz a preocupação com a utilização adequada da linguagem radiofônica (BALSEBRE, 2000)⁴, exploram-se menos as potencialidades do rádio e há um empobrecimento das narrativas. Como consequência, reduzem-se os vínculos

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora durante o XI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Docente do curso de Comunicação Social, nas habilitações Jornalismo e Rádio e Televisão; jornalista e mestre em Comunicação. Contato: cardoso_marcelo@uol.com.br.

³ Programete é um programa radiofônico de curta duração não necessariamente relacionado ao conteúdo da programação da emissora na qual é veiculado. Frequentemente varia de um a três minutos, mas pode ultrapassar este tempo.

⁴ Entende-se por linguagem radiofônica a utilização dos seguintes elementos: a palavra, a música, os efeitos sonoros (artificiais ou naturais) e o silêncio, conforme Balsebre (2000).



sonoros⁵ entre o *medium* e o ouvinte. É um paradigma seguido pelas emissoras jornalísticas que se apóia em práticas logocêntricas: imperam a racionalidade das normas, das regras, dos conceitos e definições existentes no jornalismo profissional conforme constataram pesquisadores como Cremilda Medina (2003) e Dimas A. Künsch (2006, 2008).

Outro fator motivador foi a constatação, a partir de uma pesquisa exploratória, de que existiam poucas produções sonoras de gênero jornalístico veiculadas pelas emissoras de rádio e que pudessem responder o seguinte questionamento: que tipos de experiências provocadoras de vínculos sonoros os jornalistas estão explorando no jornalismo radiofônico na cidade de São Paulo?

Durante a pesquisa foram ouvidas todas as histórias disponíveis no blog do responsável pela organização, edição e veiculação da produção radiofônica citada, o jornalista da Rádio CBN-SP, Milton Ferretti Jung Junior⁶. A partir desta perspectiva, inicialmente empírica, trabalhou-se com autores cujo referencial teórico será apresentado adiante, com atenção especial ao mitólogo Joseph Campbell e o conceito em torno d' "A jornada do herói".

Pretendeu-se verificar se o programa radiofônico *Conte sua história de São Paulo* seria uma experiência sonora diferenciada do que se apresenta normalmente nas emissoras jornalísticas. A intenção do autor também foi descobrir até que ponto poderia se facilitar a *comunicação* com o ouvinte por meio do áudio mencionado, estabelecendo, a partir de biografias de anônimos, elos entre a mensagem e o interlocutor, por meio do *medium* rádio.

E antes de descrever o objeto, será apresentada ao leitor qual a perspectiva que se considera ao se adotar o termo "comunicação". Optou-se por trabalhar a partir da visão dos pesquisadores que a compreendem como "partilha", "colocar algo em comum", e não mais no sentido de "transmitir". Utiliza-se como base teorias que enxergam a comunicação como um conjunto de variáveis que dialogam entre si. Essas variáveis são permeadas pela cultura na qual estão inseridas, assim como o está aquele

5 Entende-se "vínculos" na perspectiva de Norval Baitello Junior (1999:87), para quem o termo significa "ter ou criar um elo simbólico ou material, constituir um espaço (ou um território) comum, a base primeira para a comunicação". Nas relações comunicativas, ocorrem, portanto, processos que, por serem permeados pela cultura, podem gerar maior proximidade ou distância entre os protagonistas vinculados".

6 Milton Ferretti Jung Junior é graduado em Jornalismo (1985) pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Porto Alegre (RS). Começou a atuar no rádio em 1984 na Rádio Guaíba, na capital gaúcha. Também trabalhou na Rádio Gaúcha, no Jornal Correio do Povo e no SBT. Mudou-se para São Paulo em 1991, tendo exercido sua profissão nas emissoras de televisão Globo, Cultura e RedeTV!. Atuou no Jornal Terra, do Portal Terra, e está na CBN desde 1999.



que participa da comunicação. Ele não é a origem ou o ponto de chegada da comunicação, mas participa do processo.

Retoma-se, assim, a gênese do termo latino *communicare*: pôr-se ou ficar em contato, unir-se, compartilhar. É, portanto, um termo que se identifica com as pesquisas desenvolvidas pelos integrantes do Colégio Invisível ou Escola de Palo Alto (EUA). Eles ficaram conhecidos a partir dos anos 1950. Trata-se de um grupo de pesquisadores americanos – entre eles, Gregory Bateson, Ray Birdwhistell, Edward Hall e Erving Goffman – que realizavam estudos, cada um em sua região. Trocavam experiências e acompanhavam os trabalhos uns dos outros sem, no entanto, se reunirem presencialmente como um grupo constituído. Os pesquisadores entendiam “comunicação” como um

Processo social permanente que integra múltiplos modos de comportamento: a fala, o gesto, o olhar, a mímica, o espaço interindividual etc. Não se trata de fazer uma oposição entre a comunicação verbal e a “comunicação nãoverbal”: a comunicação é um todo integrado. (...) Da mesma maneira, não se pode, para esses autores, isolar cada componente do sistema de comunicação global e falar de “linguagem do corpo”, “linguagem dos gestos” etc., assumindo com isso que cada postura ou cada gesto remeta univocamente a uma significação particular. Assim como os enunciados da linguagem verbal, as “mensagens” oriundas de outros modos de comunicação não têm significação intrínseca: só no contexto do conjunto dos modos de comunicação, ele próprio relacionado com o contexto da interação, a significação pode ganhar forma (WINKIN, 1998, p.32).

Acredita-se, portanto, que o ouvinte participa da comunicação ao entrar em contato com as mensagens radiofônicas. Será também um protagonista: recebe informações, mas também influencia quem as emite, quebrando o paradigma que prevê um receptor mais passivo em relação ao emissor.

A afirmação do antropólogo Ray Birdwhistell leva à melhor compreensão: “Não nos comunicamos, participamos da comunicação” (*apud* WINKIN, 1998, p.14). Por estar inserido em uma cultura, mesmo sem haver comunicação gestual ou oral, pode-se dizer algo ou influenciar alguém. Winkin (1998) utilizou o termo “comunicação orquestral” para ilustrar o conceito: “Em sua qualidade de membro de determinada cultura, o ator social faz parte da comunicação, assim como os músicos fazem parte de uma orquestra. Mas nessa vasta orquestra cultural, cada um toca adaptando-se ao outro” (WINKIN, 1998, p.14).



Descrição do objeto

O programete *Conte sua história de São Paulo* é veiculado dentro do programa CBN São Paulo, na Rádio CBN, comandado pelo jornalista Milton Jung. O CBN São Paulo aborda temas relativos à cidade, porém, o jornalista deixou o seu comando no mês de fevereiro deste ano quando passou a ancorar o Jornal da CBN, no lugar do jornalista Heródoto Barbeiro, que saiu da emissora. Mesmo com a mudança, Jung continua apresentando o programete cuja gravação vai ao ar aos sábados após as 10h30, sem, no entanto, ter um horário rígido. No dia 09 de junho de 2011, por exemplo, o programete foi veiculado por volta das 10h50.

Desde o início, no ano de 2006, o programete passou por alterações, mas permanece a proposta inicial: ouvintes participam com poesias, contos e relatos de vida baseados em memórias, todos, permeados pela própria história da cidade. A ideia surgiu para ser uma homenagem aos 452 anos de São Paulo e deveria durar apenas duas semanas, no entanto, foram tantos ouvintes a enviar suas histórias para serem narradas, que o jornalista conseguiu um espaço fixo na programação⁷.

Os contos também foram postados em textos e em áudios no blog do jornalista⁸. A primeira história⁹ tem a data de 07 de janeiro de 2008: um indicativo de que a convergência entre mídias embala o futuro do rádio porque o quadro completou cinco anos sem sair do ar e da rede.

Os relatos são de autoria de cidadãos comuns, mas, muitos deles são editados por Milton Jung. A maioria é sonorizada pelo operador de áudio Cláudio Antônio. O jornalista da CBN, porém, afirmou em entrevista concedida ao autor deste paper (CARDOSO, 2010) que tenta modificar os textos o mínimo possível para não descaracterizar a história original.

Partes das narrativas radiofônicas se transformaram novamente em textos no ano de 2006 quando a Editora Globo publicou um livro organizado pelo jornalista. A obra tem o mesmo nome do programete e conta com 110 textos enviados por ouvintes.

⁷ Mais informações sobre o *Conte sua história de São Paulo*, serão encontradas no artigo de Monica Martinez (2010) no qual a autora estabelece conexões entre as histórias narradas e o Jornalismo Literário. A pesquisadora aponta o predomínio dos gêneros “memória” e “ensaio pessoal” nos textos enviados pelos ouvintes no ano de 2009.

⁸ O blog está hospedado no portal da Rádio CBN. Disponível em: <<http://colunas.cbn.globoradio.globo.com/miltonjung/category/conte-sua-historia-de-sao-paulo/>>. Acesso em: 04 jul. 2011.

⁹ Disponível em: <<http://colunas.cbn.globoradio.globo.com/platb/miltonjung/category/conte-sua-historia-de-sao-paulo/page/17/>>. Acesso em 20 jun. 2011.



A partir de 2010 fechou-se uma parceria com o *Museu da Pessoa* e, desde então, o ouvinte pode acessar o site no endereço eletrônico <<http://www.museudapessoa.net/>>¹⁰ e, conforme informa-se no blog do jornalista, enviar texto por e-mail ou agendar uma entrevista para gravar sua história com a equipe deste museu virtual. O áudio com a história é apresentado pela emissora e, depois, disponibilizado no blog.

Dado interessante a se destacar é que o *Conte sua história de São Paulo* não está disponibilizado claramente no Portal da CBN. O ideal é a pessoa saber da existência dele e ir direto para o blog do jornalista, este sim, hospedado no portal. Para isso, entretanto, deve seguir até o campo onde estão os “âncoras”, procurar o ícone com o rosto do jornalista e clicar no link que leva ao blog. Uma vez no blog, à direita, há o link “artigo” onde se consegue acessar o *Conte sua história de São Paulo*. Um indicativo de que não há tanta preocupação em destacar o quadro para o ouvinte-internauta.

O programete analisado neste paper tem o título de “A história de meu pai”¹¹. Foi enviado pelo ouvinte Mário Curcio e veiculado no dia 04 de outubro de 2008. É uma homenagem ao pai dele, João Curcio, que veio do interior paulista para viver na capital do Estado na década de 1950. A narrativa tem 3 minutos e 50 cinquenta segundos. Para facilitar a compreensão deste texto, transcreveu-se abaixo:

A história de meu pai

Vim de Rio Claro para São Paulo em 1954. Havia me formado dois anos antes no interior e soube que uma nova indústria na Avenida João Dias, em Santo Amaro, estava contratando recém-formados em química e farmacologia. Era a Squibb. Vim para cá, fui aprovado num teste e logo depois comecei a trabalhar. Naquela época, morava na Veiga Filho e pegava um bonde na Avenida Angélica mais um ônibus da CMTC para chegar até Santo Amaro. Havia dois tipos de bonde: o aberto e o fechado, que chamavam de Camarão.

Certo dia, no ônibus, caí num trote dos amigos de empresa. Em fila, um a um ia dizendo ao cobrador:

¹⁰ Fundado em 1991, o museu conta com um site no qual o internauta pode encontrar histórias de vida de pessoas que, gratuitamente, as relataram redigindo ou por meio de áudios postados na internet. Segundo informação no site, o objetivo de se constituir um museu virtual foi o de “construir uma rede de histórias de vida que contribuísse para a transformação social”. Acesso em: 02 jun. 2011.

¹¹ Quando se iniciou a pesquisa, as primeiras histórias podiam ser ouvidas a partir do blog do jornalista, mas, hoje, há apenas o registro no blog de que o relato foi postado, porém, o dispositivo de áudio não opera. (Disponível em <<http://colunas.cbn.globoradio.globo.com/platb/miltonjung/category/conte-sua-historia-de-sao-paulo/page/12/>>. Acesso em 04 jul. 2011). Somente a partir do conto “Papai Noel não me engana”, com data de 23 de dezembro de 2008, pode se ouvir as histórias que foram ao ar.



- É aquele último que vai pagar, é aquele último.

Quando percebi, já era tarde. Tive que desembolsar umas cinco passagens. Dias depois notei que o grupo armava o mesmo golpe. Fiquei quieto e levantei para pagar. Quando o cobrador me pediu o dinheiro das outras passagens eu mostrei a minha identidade e carreguei no sotaque:

- Sou do interior. Óia aqui ó, nunca vi esse fulano.

Paguei minha passagem e saí de fininho.

Meu novo emprego era promissor. Produzíamos antibióticos ali: algo relativamente novo na área médica. A descoberta da penicilina tinha 25 anos. Eu e os colegas nos revezávamos em plantões nos fins de semana. A produção não podia parar, mas meus pais e a minha noiva estavam longe. Sempre que podia, pegava um trem até Rio Claro para revê-los.

Em 1956, dois anos depois de chegar aqui, casei-me no interior e trouxe a esposa. Alugamos um apartamento a duas quadras da Squibb. Minha mulher também conseguiu trabalho como professora, perto dali. Santo Amaro era um fim de mundo. Acho que tinha mais caipiras aqui do que em minha cidade. Um dia, quando eu precisei de uns botões grandes para consertar um casaco, um comerciante daqui me disse:

- Ah, isso você só acha no Broquelin (*sic!*).

Demorei um tempo para entender que ele se referia ao Brooklin, bairro vizinho daqui. No primeiro apartamento que alugamos, vieram meus dois primeiros filhos: uma menina, em 1957, e um menino, em 1959.

No fim dos anos 50, Santo Amaro já era um bairro cheio de imigrantes alemães. Na indústria onde eu trabalhava, eles ocupavam cargos de destaque. Mais imigrantes viriam da Alemanha por causa da indústria automobilística: Volkswagen e Mercedes Caminhões, por exemplo. Da janela daquele pequeno apartamento vi a construção da estátua do Borba Gato. Isso mesmo, ela foi feita pelo seu autor Júlio Guerra, na Avenida João Dias. Depois é que foi levada para onde está, na Avenida Santo Amaro.

Com a vinda de um terceiro filho eu e minha esposa precisávamos de uma casa maior e compramos um sobrado ali perto, mas continuei na mesma empresa por quase trinta anos. As relações entre patrão e empregado eram mais duradouras, assim como os casamentos.

Anos depois, com os filhos já criados, me aposentei. Vivo no mesmo sobrado com minha esposa. Meus filhos já não moram mais comigo. Uma neta e um cachorro dão novo sentido às nossas vidas. Levo a menina à escola e passeio com o bichinho pela vizinhança. Ali, todos me conhecem por seu João. Já estou chegando aos 80. No dia 14 de Outubro farei 79 anos. Tenho boa saúde e continuo cheio de vontade de viver. Só não quero sair daqui de Santo Amaro, de jeito nenhum.

Referencial Teórico

O principal referencial teórico utilizado neste artigo baseia-se nas pesquisas realizadas pelo mitólogo norte-americano Joseph Campbell, que nasceu em 1904 e



morreu em 1987. Ele escreveu mais de uma dezena de livros, a maioria sobre mitologia. Pesquisou diversas histórias de povos, nações e culturas nos mais variados locais do planeta. Percebeu que, nos múltiplos contextos, as lendas, contos, fábulas, mitos e rituais celebrados em lugares e épocas distantes traziam uma sequência típica de ações realizadas pelo herói. Parte dos resultados dessas pesquisas está na obra *O herói de mil faces*, cuja primeira edição é de 1949.

Assim, desde os tempos mais distantes até hoje, a humanidade vem contando as mesmas histórias. São narrativas com conteúdos marcados por elementos estruturais comuns que se interligam. Campbell entendia que toda história de vida poderia ser contada a partir de “A jornada do herói” porque todos empreendem sua jornada particular. Considerava, por exemplo, o nascimento como um ato de heroísmo devido às transformações enfrentadas ao se deixar o ventre materno. Do nascimento em diante, até a morte, passa-se por mudanças e dificuldades, resiste-se a elas da melhor forma como se consegue (CAMPBELL, MOYERS, 2005).

Os momentos marcantes da vida humana são eternizados por meio de narrativas. No princípio, eram pinturas em cavernas. Depois, a oralidade fez o trabalho de preservação e difusão das ações dos antepassados. Hoje, suportes como livros e arquivos digitais, além dos *mass media*, permitem a continuidade desse processo e o estabelecimento de vínculos.

As experiências ancestrais do homem ficam armazenadas em seu inconsciente coletivo. E neste momento, adotam-se estudos do psiquiatra suíço Carl Gustav Jung em torno do que compreendia por inconsciente coletivo ou impessoal: é nesta camada mais profunda do inconsciente que se preservam traços de culturas de todos os tempos onde se incluem

(...) aqueles conteúdos que não pertencem apenas a determinados indivíduos e, em geral, a uma nação inteira ou mesmo toda humanidade. Estes conteúdos não foram adquiridos durante toda a vida do indivíduo; são produtos de formas inatas e dos instintos. Embora a criança não tenha ideias inatas, possui, contudo, um cérebro altamente desenvolvido, com possibilidades de funcionamento bem definidas. Este cérebro é herdado de seus antepassados. É a sedimentação da função psíquica de todos os seus ancestrais. A criança nasce, portanto, com um órgão que está pronto a funcionar pelo menos da mesma maneira como funcionou através da história da humanidade. É no cérebro que foram pré-formados os instintos e todas as imagens primordiais que sempre foram a base do pensamento humano, ou seja, portanto, toda a riqueza dos temas mitológicos (JUNG, 1998, p.250).



O conteúdo abstrato - energia psíquica -, encontrado no inconsciente coletivo, está em constante diálogo com o que C.G. Jung denominou “inconsciente pessoal”. Se concreto fosse, poder-se-ia entendê-lo como uma gaveta escondida na mente humana na qual estão guardadas, individualmente, as percepções e impressões em torno dos acontecimentos que ocorreram ao longo da própria vida. Para C.G. Jung (1998, p.249) o inconsciente humano “ainda conserva traços desses conteúdos, mesmo depois que se perdeu qualquer lembrança consciente dos mesmos”. O psicanalista entendia também que, no inconsciente pessoal, está o lado sombrio de cada um, e que muitas vezes não o conhecemos, como certas atitudes, pensamentos e desejos, que, em nossa sociedade consideram-se condenáveis e, por isso, acabam reprimidos por serem incompatíveis.

As explicações baseadas em conceitos formulados por C. G. Jung permitem entender por que quando se entra em contato com uma história interessante, ela pode passar a fazer parte da própria narrativa do homem. Em uma tribo indígena, por exemplo, ouvir o guerreiro contar sobre suas façanhas possibilita aos jovens a mentalização daquilo que um dia se tornarão. Eles sonharão, sentirão pelo corpo. Mais do que isso: acreditarão naquelas histórias. É em situações como essas que se abrem as portas para a formação de mitos que, como explicou Campbell (2007, p.15), “têm sido a viva inspiração de todos os demais produtos possíveis das atividades do corpo e da mente humanos”. Os mitos servem para apoiar o homem ao longo de sua vida, fazendo-o compreender os acontecimentos (não programados) e as alterações biológicas pelas quais todos passam: “A função primária da mitologia e dos ritos sempre foi a de fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar, opondo-se àquelas outras fantasias humanas constantes que tendem a levá-lo para trás” (Idem, p.21).

As pesquisas do mitólogo permitiram-no traçar uma trajetória comum a que cada herói protagonista de cada história irá se submeter, desde o nascimento até a morte. Basicamente, ela se desenvolve quando o “herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes” (Ibidem, p.36).

A opção pela narrativa “A história de meu pai” ocorreu a partir do momento em que se identificaram pontos em comum com milhões de outros relatos de moradores da cidade de São Paulo. São histórias de pessoas que chegaram com poucas posses, sozinhas, com objetivos a serem cumpridos: conseguir se estabelecer, estudar, trabalhar, formar uma família e enxergar a cidade como o seu lar permanente.



O herói de Santo Amaro

A partir do esquema proposto¹² por Joseph Campbell pode se compreender porque histórias de pessoas comuns, que são narradas pelos *media*, podem agradar a audiência. Por meio de uma das narrativas radiofônicas veiculadas no *Conte sua história de São Paulo*, demonstra-se qual o fio condutor a permitir que relatos como esse fascinem quem os ouve, penetrem em cada par de ouvidos e ativem emoções, memórias, tocando os seres e os fazendo se identificar – sem que, obrigatoriamente, se deem conta disso.

O momento inicial do programete analisado pode ser comparado – por analogia – à primeira fase d’ A Jornada do Herói, denominada por Campbell de “A partida”. Apresenta-se ao ouvinte um cidadão comum: João Curcio, que vivia na cidade de Rio Claro, no interior de São Paulo. Formou-se em um curso não informado, mas sabe-se que tem ligação com a área de farmacologia. Dois anos após o encerramento dos estudos, obteve a informação – não é dito como – de que na capital do Estado haveria uma boa oportunidade de emprego.

Curcio, portanto, pode ser considerado o herói da história. Ele deixou a terra natal para se aventurar em outro mundo. O mundo cotidiano do herói antes da partida não é apresentado ao ouvinte, no entanto, percebe-se, ao longo da narrativa, o contraste entre o interior e a capital a partir do olhar sobre a metrópole, o que facilita uma comparação entre ambos. Campbell (2007, p.62) afirma que um “arauto ou agente” costuma anunciar que há uma aventura por vir; que algo grandioso se iniciará.

O responsável pela informação sobre as vagas de emprego não é revelado, portanto, o arauto não surge como um ser que tem aspectos repugnantes, como propõe o mitólogo. A empresa Squibb, porém, indiretamente desempenha este papel. Isso ocorreu ao chamar o herói para a aventura fazendo com que se separasse de sua família, do local onde foi criado, e partisse em direção a busca pelo emprego. Todos os seres humanos já viveram a separação, a começar pelo momento quando deixam o ventre materno para iniciar uma vida e, no futuro, não mais terão por perto a própria mãe:

12 O esquema em torno de “A jornada do herói” compreende três fases que são divididas em estágios que representam cada momento da jornada (vida) do herói: 1ª Fase: A PARTIDA (a. O chamado da aventura; b. A recusa do chamado; c. O auxílio sobrenatural; d. A passagem pelo primeiro limiar; e. O ventre da baleia), 2ª Fase: A INICIAÇÃO (a. O caminho de provas; b. O encontro com a deusa; c. A mulher como tentação; d. A sintonia com o pai; e. A apoteose; f. A bênção última), 3ª Fase: O RETORNO (a. A recusa do retorno; b. A fuga mágica; c. O resgate com auxílio externo; d. A passagem pelo limiar do retorno; e. Senhor dos dois mundos; f. Liberdade para viver).



“Significa que o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida” (Idem, p.66).

Em outro trecho da narrativa percebe-se que herói sentiu medo, receou não conseguir prosseguir sozinho na jornada e, por isso, teve a necessidade de retornar constantemente para junto da família e da futura esposa. Trata-se de “A recusa do chamado” (um dos estágios da primeira fase proposta por Campbell), quando herói sente-se fragilizado e precisa ser salvo. Refugia-se na imagem do pai e da mãe para encontrar proteção, como o fazem constantemente as crianças:

A literatura psicanalítica apresenta abundantes exemplos dessas fixações desesperadas. Essas fixações representam uma impotência em abandonar o ego infantil, com sua esfera de relacionamentos e ideais emocionais. Estamos aprisionados pelos muros da infância; o pai e a mãe são guardiães das vias de acesso, e a atemorizada alma, temendo alguma punição, não consegue passar pela porta e alcançar o nascimento no mundo exterior (CAMPBELL, 2007, p.69).

Há uma quantidade incontável de mitos e contos populares nos quais o personagem principal é salvo pelos pais. Um deles, narrado na obra do mitólogo, conta sobre a lenda grega na qual a beleza descomunal e mágica de Dafne, filha do Rio Peneu, fez com que o deus Apolo se apaixonasse por ela e a perseguisse furiosa e desesperadamente. Com medo e sem forças para continuar a fuga, Dafne fica à beira das águas do pai e pede que sua beleza seja exterminada para que Apolo a deixe em paz.

Após ter o desejo atendido, a moça ficou protegida pelo encanto do pai. Ao se traçar um paralelo com o herói de *Conte sua história de São Paulo*, percebe-se que o cidadão comum voluntariamente retrocedeu à origem (a cidade natal), mas apenas como ato temporário para recuperar as forças próximo dos pais e voltar à sua jornada. Ele rejeitou temporariamente os problemas enfrentados na cidade grande.

Ao longo da história de João Curcio identificam-se figuras que teriam agido como mentores, orientando-o, empurrando-o. Nesse momento, denominado por Campbell como “O auxílio sobrenatural”, há seres zelosos que fornecem amuletos para proteger o aventureiro contra o mal que ainda encontrará. A família, a noiva – que, posteriormente, passou a ser esposa – e os colegas da empresa, a quem chamou de “amigos”, exerceram papéis de mentores.

A figura feminina, na mitologia, é frequentemente apresentada como a que tem atributos de provedora, de protetora. Trata-se da figura da Mãe Universal



(CAMPBELL, 2007, p.115). Para os cristãos, por exemplo, é a virgem que deu à luz ao menino Jesus. Nas histórias infantis, como em Cinderela, há uma fada-madrinha e, como ressaltou Campbell, a personagem pode estar presente no inconsciente humano como “uma promessa de que a paz do Paraíso, conhecida pela primeira vez no interior do útero materno, não se perderá, de que ela suporta o presente e está no futuro e no passado” (Idem, p.76).

A esposa de Curcio pode ter desempenhado o papel descrito pelo mitólogo na fase “O encontro com a deusa”. Representa, ao mesmo tempo, uma recompensa, uma espécie de guia que estimula o herói a atingir seu objetivo. Tê-la ao seu lado significa que o herói é merecedor da vitória, dos prêmios a serem conquistados.

Analisando-se o final da história poderia se chegar à conclusão de que o herói não passou pela última fase, denominada “O retorno”, pois permaneceu em São Paulo, no mundo especial. Entretanto, ao se observar pelos olhos da mitologia, descobre-se que, simbolicamente, João Curcio voltou a seu mundo cotidiano de outrora. Agora, porém, ele é um novo homem. É a representação de um ser mais evoluído. Conquistou o direito de se aposentar para saborear a experiência de uma vida semelhante àquela existente no início da aventura. Uma vida no bairro de Santo Amaro, lugar onde, tal qual uma pacata cidade do interior no início dos anos 1950, os moradores se identificam e se relacionam, mesmo que superficialmente. Provavelmente, o herói sente agora o que vivenciou antes – o desfrute da saudável convivência com a família e um novo anseio: a vontade de permanecer ali até o último dia da vida.

Considerações Finais

A narrativa veiculada não é uma história pormenorizada, mas se fosse, melhor contribuiria para uma análise mais completa. Por meio deste conto percebe-se que jornalistas estão tentando escapar da produção de um jornalismo duro, limitado ao aspecto descritivo e aos manuais de procedimentos.

A história analisada tem elementos suficientes para estabelecer ligações com os ouvintes, como se demonstrou. Entende-se, porém, que se fosse mais rica em detalhes, poderia envolvê-los melhor. Em menos de quatro minutos, o filho contou a trajetória do pai ao longo de mais de cinco décadas. A história é acometida por saltos no tempo e nega ao ouvinte mais possibilidades de estabelecer vínculos. Trata-se de um relato sintético que, além de deixar dúvidas, desperta o desejo de conhecer melhor o caminho



trilhado por João Curcio. É inevitável fazer o seguinte questionamento: por que não se aumentaram essas linhas traçadas? Uma opção seria deixá-la disponível em versão mais completa no blog do jornalista.

Ao ouvir o relato sobre o este “herói”, levanta-se a possibilidade de o ouvinte que enviou à emissora, tê-lo escrito com o cuidado para não se tornar extenso diante dos padrões atuais do rádio. Milton Jung informou que recebe com frequência relatos mais longos, mas acrescentou que, por vezes, não contêm eventos relevantes ou atraentes para serem veiculados. O profissional, inclusive, pede aos autores das histórias para encurtá-las – e, assim, ganharem condição de ir ao ar:

Às vezes, as pessoas escrevem textos longos demais que não têm como levar ao ar e aí eu mando um e-mail de volta para a pessoa só pedindo para ela, se não gostaria de reduzir aquele texto para que eu pudesse levar para o Conte sua história porque, se não, não consigo. Eu já coloquei no ar texto de quase dez minutos. Mas é muito longo. É um esforço muito grande para todos. Tem que ser um texto muito rico para conseguir segurar as pessoas (JUNG, In CARDOSO, 2010).

Na opinião do jornalista, o ouvinte não tem a obrigação de escrever pensando na melhor forma de contar sua história no rádio e, por isso, alguns textos são examinados com mais atenção. O jornalista exerce, nesse caso, o papel de editor ao selecionar e adaptar os textos que serão utilizados tanto no rádio quanto na internet. No texto de apresentação do livro *Conte sua história de São Paulo*, Jung (2006, p.16) informa que “em nenhum momento se impôs um modelo às histórias, nem mesmo houve limite de linhas, que no rádio se traduzem em tempo”. Tal iniciativa deve permitir que a audiência busque com mais liberdade, no fundo das gavetas fechadas da mente, as lembranças e os detalhes de experiências vividas na cidade de São Paulo, mas não garante a total veiculação do texto enviado.

Durante a entrevista questionou-se por que não haveria um trabalho mais cuidadoso em torno da sonorização de muitas das histórias veiculadas, pois boa parte conta apenas com os recursos da locução e da trilha (música), excluindo-se os efeitos sonoros, por exemplo. Dividir em capítulos as melhores e mais longas histórias seria outra opção, mas, na mesma entrevista o jornalista afirmou que a ideia não é produzir uma radionovela¹³.

¹³ A radionovela, segundo Barbosa (2003, p.117), está inserida no gênero “entretenimento” e no formato “programa ficcional”, portanto, não é considerada no gênero jornalístico.



A locução feita pelo jornalista apresenta determinadas variações de intensidade, volume, intervalo e ritmo, aspectos importantes para se criar uma atmosfera que permita ao ouvinte se deixar levar pela narrativa. Poder-se-ia, no entanto, apostar mais na emoção, que costuma acompanhar uma boa história. E o silêncio, por que não utilizá-lo? É considerado um dos elementos-chave da linguagem no rádio (BALSEBRE, 2000). Talvez a resposta sobre usá-lo seja negativa. Certamente, não por incapacidade profissional, mas pelo fato de que o trabalho está inserido em um contexto de jornalismo logocêntrico: se apóia no pensamento racional como única forma de se chegar à verdade. Cabe lembrar, no entanto, que, por meio do silêncio – um ou dois segundos de pausa –, chama-se a atenção do ouvinte.

A narração que adota locução mais enfática carregada de graves e agudos, altos e baixos tons de voz, é frequentemente associada pelos jornalistas ao sensacionalismo e isso não combina com a linha editorial das emissoras de rádio jornalísticas. Nos bancos das universidades o estudante de jornalismo é alertado sobre tais perigos.

É oportuno lembrar o que afirma Meditsch (2001, p.54-55): o discurso no rádio informativo é determinado tanto por quem o faz quanto por aquele que ouve. Isso significa que há uma interação entre profissional e ouvinte. Os jornalistas sabem que sua audiência tem um perfil mais sóbrio, pertence a uma classe social que tem certas exigências e comportamentos. Em muitos casos, ao não se permitir maior flexibilidade nos padrões de locução e narração jornalística, está se adequando o produto às normas seguidas pelo modelo vigente.

Enfatiza-se que a linguagem radiofônica tem um aspecto estético, como demonstrou Balsebre (2000) em sua obra. A fala, o som da voz e a forma como se realiza a locução – definidos pelo autor como “palavra radiofônica” –, contêm dados que serão percebidos pelo ouvinte. Essa informação estética também traz

um segundo nível de significação, conotativo, afetivo, carregado de valores emocionais ou sensoriais de onde o enunciado significante surge do repertório de sensações e emoções que dispõem a personalidade do receptor. A informação estética da mensagem influi mais sobre nossa sensibilidade que sobre nosso intelecto (BALSEBRE, 2000, p.20).¹⁴

A locução, portanto, é um complemento à narrativa e permite que o ouvinte entre em sintonia com o rádio para que ouça também com a alma, sinta a história. E apesar de

¹⁴ Tradução do autor: Un segundo nivel de significación, connotativo, afectivo, cargado de valores emocionales o sensoriales, donde el enunciado significante surge del repertorio de sensaciones y emociones que conforman la personalidad del receptor. La información estética del mensaje influye más sobre nuestra sensibilidad que sobre nuestro intelecto.



se apontar falhas e limitações, entende-se que o objeto apresentado tem bons momentos e indícios de uma narrativa geradora de vínculos sonoros que procura explorar práticas menos logocêntricas. Estas mesmas práticas podem ser ilimitadas se houver mais recursos e equipes envolvidas, maior conhecimento e mais tempo para os profissionais pensarem sobre elas.

Confirma-se o que ressalta Muniz Sodré (2006) quando afirma que o homem deve continuar se deixar envolver pelas tecnologias. Tal cenário beneficiará cada vez mais quem explorar melhores experiências sonoras que permitam vínculos e aproximem o ouvinte, não só pelo ouvido, mas por outros processos que envolvem a percepção, seja pelo rádio, internet ou aparelhos multimidáticos.

Propõem-se às emissoras algo que está respaldado no conceito da segmentação: ampliar as práticas para públicos específicos da internet ou do celular, por exemplo. Ao vivo ou após um *download*. Entende-se que é rentável, como mostrou o caso da Rádio CBN: muitos ouvintes, internautas e até um livro lançado sobre o *Conte sua História de São Paulo* que está há mais de cinco anos no ar. Constatou-se, ainda, que há uma parcela da audiência que dispõe de tempo para ouvir e que escolherá o momento para uma escuta mais atenta e acolhedora.

Referências bibliográficas

- BAITELLO JUNIOR, Norval. **O animal que parou os relógios: ensaios sobre comunicação, cultura e mídia.** São Paulo: Annablume, 1999.
- BAITELLO JUNIOR, Norval. Vínculo. In: MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). **Dicionário da comunicação.** São Paulo: Paulus, 2009. p. 353-354.
- BALSEBRE, Armand. **El lenguaje radiofónico.** Madrid: Cátedra, 2000.
- BARBOSA, André Filho. **Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio.** São Paulo: Paulinas, 2003.
- CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. O poder do mito. Sonopress-Rimo-Cultura Marcas, Manaus: 2005, 2 DVD (354 min.), NTSC, son., color., 1988.
- CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces.** São Paulo: Pensamento, 2007.
- CARDOSO, Marcelo. *O jornalismo radiofônico e as narrativas vinculadoras: experiências de emissoras paulistanas.* 2010. 150 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade Cásper Líbero, São Paulo.
- JUNG, Carl Gustav. **A natureza da psique.** Obras completas de C. G. Jung. v.8. Petrópolis: Vozes, 1998.
- JUNG, Milton (org.). **Conte sua história de São Paulo.** São Paulo: Globo, 2006.



KUNSCH, Dimas Antônio. “Narrativa jornalística e reconstrução do cosmos”. In: XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2006. Brasília. Anais. Brasília: INTERCOM, 2006. p.1-14.

_____. “Crise, compreensão e comunicação: contra a certeza do pensamento avassalador”. *Líbero*. São Paulo, n. 22, p.43-51, 2008.

MARTINEZ, Mônica. “Jornada do herói: A estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo”. *Communicare*. São Paulo, v.5, n. 2, p.117-124, 2005.

_____. “O Jornalismo Literário e a Mídia Sonora: estudo sobre o programa Conte Sua História de São Paulo. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010. Caxias do Sul. Anais. Caxias do Sul: INTERCOM, 2010. p.1-14.

MEDINA, Cremilda. A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano. São Paulo: Summus, 2003.

MEDITSCH, Eduardo. **O rádio na era da informação: teoria e técnica do novo radiojornalismo**. Florianópolis: Insular, 2001.

MENEZES, José Eugenio de Oliveira. **Rádio e cidade: vínculos sonoros**. São Paulo: Annablume, 2007.

_____. “Cultura do ouvir: os vínculos sonoros na contemporaneidade”. *Líbero*. São Paulo, v.11, n. 21, p.111-118, 2008.

PRATA, Nair. **Webrádio: novos gêneros, novas formas de interação**. Florianópolis: Insular, 2009.

SILVEIRA, Nise da. **Jung: vida e obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2006.

SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis: Vozes, 2006.

SPERBER, George Bernard (Org.). **Introdução à peça radiofônica**. São Paulo: EPU, 1980.

WINKIN, Yves. **A nova comunicação: da teoria ao trabalho de campo**. Campinas: Papyrus, 1998.